

A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO *BILDUNGSRoman* DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEO

Wilma dos Santos Coqueiro*

Resumo:

O *Bildungsroman* tradicional, cujo modelo seria *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1795), de Goethe, mostra o aperfeiçoamento humano e a formação do seu caráter. Esse conceito de romance, tido como um fenômeno tipicamente alemão e voltado a representação de personagens masculinos, começa a ser problematizado a partir do século XVIII. Na atualidade, sobretudo a partir dos estudos de Cristina Ferreira Pinto, de 1990, pode-se falar em um *Bildungsroman* de autoria feminina brasileiro. Os temas que permeiam esses romances variam muito, desde a representação da infância e adolescência das personagens, a reflexões sobre os problemas amorosos e de formação cultural e identitária. Desse modo, o objetivo desse trabalho é uma análise da representação das identidades femininas deslocadas da contemporaneidade em romances de três escritoras contemporâneas bastantes singulares: Cíntia Moscovich, *Dois Iguais* (2004), Paloma Vidal, *Algum Lugar* (2009) e Adriana Lisboa, com *Azul-Corvo* (2010).

Palavras-chave: Romance de formação; Escritoras contemporâneas; Identidade feminina.

O *Bildungsroman* foi considerado, ao longo dos séculos, desde a publicação do romance *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1795), de Goethe, como um gênero tipicamente alemão e voltado à representação de personagens masculinos. Esse tipo de romance representaria o processo de formação do caráter do herói. Por isso, para Maas (2000), a caracterização de uma obra como *Bildungsroman* dependeria, em maior ou menor medida, da semelhanças com o romance de Goethe, uma vez que esse seria o paradigma do gênero.

Nesse romance tradicional ocorre a representação do processo de formação do caráter do herói, o qual entra em conflito com a realidade e por meio de muitas aventuras e peripécias poderia atingir o seu amadurecimento pessoal e aperfeiçoamento humano. Devido a isso, Maas enfatiza que no *Bildungsroman* as características conteudísticas predominam sobre as formais, uma vez que “a questão central que subjaz todo o texto compreendido pela historiografia literária como *Bildungsroman* é a questão do aperfeiçoamento pessoal” (2000, p. 67).

* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Assistente da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (Facilcam) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). E-mail: wilmacoqueiro@ibest.com.br

No século XIX, esse desenvolvimento pessoal era representado por meio de uma narrativa linear, a qual apresentava um indivíduo harmônico no seu processo de aprendizado e formação. O século XX, por sua vez, faz com que a ideia desse sujeito uno e harmônico sofra alguns descentramentos em função de, entre outras causas, o surgimento da psicanálise e a ocorrência das duas grandes guerras mundiais. Nesse sentido, Stuart Hall (2011) estabelece diferenças cruciais entre o sujeito cartesiano (iluminista) e o sujeito contemporâneo. O sujeito cartesiano, que nasceu da filosofia de Descartes, já emergiu em meio às dúvidas e ao ceticismo provocados pelo desenvolvimento científico que marcou o século XVIII. Mesmo assim, era concebido como racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento.

Esse sujeito vai sofrer alguns descentramentos ao longo do século XX. Entre os mais significativos estariam a descoberta do inconsciente por Freud e o impacto causado pela crítica feminista. A concepção psicanalítica possibilitou a destruição da noção do sujeito racional provido de uma identidade fixa ao ressaltar que “a identidade é realmente algo formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (Hall, 2011, p. 38). Já o feminismo, tanto como crítica teórica quanto como movimento social, pelo seu caráter questionador e problematizador, contribuiu consideravelmente para o descentramento do sujeito cartesiano.

Em consequência disso, no século XX, ocorre uma ruptura em relação ao conceito teleológico do processo linear do desenvolvimento do *Bildungsroman*. Para Maas, “sob a égide da “crise do romance” configurou-se nas primeiras décadas do século XX, uma concepção que reconhece a dissolução dos pressupostos realistas que sustentaram o romance burguês realista e, por conseguinte, do modelo teleológico de desenvolvimento e formação” (2000, pp.209-10). Contudo, a autora cita Benjamin que acredita na continuidade do *Bildungsroman* no período burguês, com adaptações que o reconfiguram conforme a realidade histórica do século XX. É isso o que faz com que haja uma expansão do gênero para além do ambiente de origem. Para a autora,

no caso brasileiro é possível identificar na primeira metade da década de 1990, um crescente interesse pelo gênero, manifestado por uma dinâmica que ao mesmo tempo em que assimila, já se apropria, de maneira peculiar, do termo *Bildungsroman*, “adaptando-o” a contextos particulares da literatura brasileira e de outros países em desenvolvimento. (2000, p. 243)

Embora ainda sejam escassos os estudos sobre o Bildungsroman no Brasil, o estudo de Cristina Ferreira Pinto (1990) seria um marco na tradição da crítica brasileira na apropriação e adaptação do conceito de Bildungsroman na análise de narrativas de autoras mulheres escritas na primeira metade do século XX. Ao eleger quatro romances como *Amanhecer* (1938), de Lúcia Miguel Pereira, *As três Marias* (1939), de Raquel de Queirós, *Perto do Coração selvagem* (1944), de Clarice Lispector e *Ciranda de Pedra* (1954) de Lígia Fagundes Telles, a estudiosa busca estabelecer uma relação entre o Bildungsroman tradicional e o Bildungsroman da literatura de autoria feminina. Segundo Pinto (1990), o Bildungsroman não seria uma evolução do gênero, mas sua transgressão, revisando o conceito tradicional de romance de formação. Para ela, em relação à literatura de autoria feminina, esse gênero incluiria “romances de aprendizagem”, de “transformação e renascimento” e “romances de despertar da mulher”.

Tendo como perspectiva teórica os estudos feitos sobre o Bildungsroman, tanto como gênero paradigmático quanto sua transformação por meio dos estudos feministas, esse trabalho apresenta como objetivo a análise das identidades de personagens femininas de três romances, de autoras contemporâneas, que se inscrevem em uma fase da literatura feminina em que predominam questões mais existenciais em detrimento das específicas de gênero. Segundo Zolin, com base nos estudos da ensaísta americana Elaine Showalter, nessa fase pós anos 90, a literatura de autoria feminina já não tem seu foco nas questões de gênero, uma vez que começam a surgir romances nos quais se pode “vislumbrar a representação de uma nova imagem feminina, livre do peso da tradição patriarcal” (2009, p. 331). Embora ainda representem problemáticas tradicionais da escrita feminina como a busca da realização afetiva e por se enquadrar no socialmente aceito, Cíntia Moscovich com *Dois Iguais* (1998), Paloma Vidal, com *Algum Lugar* (2009) e Adriana Lisboa com *Azul-corvo* (2010), representam mulheres com identidades deslocadas na contemporaneidade, fugindo do *script* tradicional. Todas as narrativas são homodieéticas, com um tom altamente confessional e memorialístico, exprimindo a experiência feminina marcada pela sua vivência social. As protagonistas, geralmente, refletem o descentramento, a desarmonia e angústia existencial que são próprias das personagens pós-modernas. Quando as narrativas não apresentam final em aberto, como *Azul-corvo* no qual é possível entrever uma experiência mais positiva, o

final fracassado, que é típico do *Bildungsroman* de autoria feminina, permeiam as narrativas. Para Pinto, os objetivos das protagonistas dos romances de formação são “alcançar a intergração e realização do EU e a integração social” (1990,p. 30), o que muitas vezes acaba frustrado. A autora ainda afirma que esses romances representam uma revisão do gênero masculino e uma visão alternativa do país.

Seguindo a tendência contemporânea do novo *Bildungsroman* que seria a de contemplar a representação das minorias, *Duas iguais* é uma obra bastante singular na medida em que narra toda a problemática da construção da identidade homoerótica de Clara, uma jovem de origem judaica, portanto enraizada em valores bastante tradicionais, que ao tornar-se adolescente no final do período ditatorial, na Porto Alegre, dos finais dos anos 70, descobre-se irremediavelmente apaixonada pela melhor amiga, Ana. Ao experienciar o conflito entre a paixão avassaladora que sente por Ana e a tentativa de adequar-se aos padrões familiares e sociais aceitos, casando-se com um jovem judeu a quem não ama, tem-se o doloroso processo de formação da protagonista. Ao falar de um sentimento impronunciável – “o amor que não ousa dizer o nome” – e de uma história inenarrável, Clara que tem como narratário a figura patriarcal, dominadora e, ao mesmo tempo, extremamente amada do pai, está em busca de expressão para o sentimento que acompanhou a sua trajetória:

Eu soube: o amor exige expressão. Ele não pode permanecer quieto, não pode permanecer calado, ser bom e modesto; não pode, jamais, ser visto sem ser ouvido. O amor deve ecoar em bocas de prece, deve ser a nota mais alta, aquela que estilhaça o cristal e que entorna todos os líquidos. (Moscovich, 2004, p.252).

Algumas características do “romance de aprendizagem” são marcantes na narrativa de Cíntia Moscovich como a representação da infância e a adolescência da personagem, o conflito de gerações e a problemática amorosa com envolvimento homoafetivos e heterossexuais.

Assim como *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich, também *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, pode ser considerado como “romance de aprendizagem”, uma vez que a narrativa inicia com a personagem Vanja ainda adolescente. Diferentemente de muitas ficcionistas mulheres que abordam em suas obras os conflitos e a problemática dos gêneros no contexto patriarcal decadente das décadas finais do século XX, as obras de

Adriana Lisboa reflete sobre a busca de identidade no contexto de um mundo globalizado, sem aprofundar as questões de gênero. A autora busca abordar questões como pertencimento, história política recente do país e imigração, inserindo o indivíduo, independente de ser homem ou mulher, nesse contexto desolador e caótico. Desse modo, *Azul-Corvo* torna-se uma obra bastante singular por narrar, de forma autodiegética, o doloroso processo de formação de uma adolescente órfã, Vanja ou Evangelina, de 13 anos, e sua busca pelo pai desconhecido no estado do Colorado, Estados Unidos da América, em meio a um mundo globalizado, no qual as identidades encontram-se cada vez mais dilaceradas. Nesse sentido, é importante observar que, além dos temas contemporâneos citados, a obra se destaca por representar questionamentos existenciais como a questão da identidade, a busca de um lugar no mundo e a angústia diante da morte, além do processo de autoconhecimento e amadurecimento que perpassa a história da protagonista. Embora fale de perdas irreparáveis, como as mortes da mãe e do padrasto, esse seria um Bildungsroman com final positivo, uma vez que, ao final, ao optar por ficar nos Estados Unidos, a personagem parece ter alcançado uma integração do eu com o mundo: “Num belo dia eu me dei conta de que não tinha importância o país onde eu estava. A cidade onde eu estava. Outras coisas tinham importância. Não essas.” (Lisboa, 2010, p. 215).

Já a obra *Algum Lugar*, primeiro romance de Paloma Vidal, poderia ser caracterizado como de “transformação ou renascimento”, uma vez que nesse tipo de romance o processo de formação da protagonista tem início já na vida adulta. De fato, a personagem-narradora, que não tem nome na narrativa, está quase com 30 anos quando começa a narrativa. Nos romances de formação femininos, a viagem tem quase sempre um sentido de imersão interior, de autodescobimento da personagem. No caso do romance de Paloma Vidal, há o deslocamento da personagem e do marido do Rio de Janeiro/Los Angeles/Rio de Janeiro. Dividindo a narrativa em primeira, segunda e terceira pessoas, devido ao menor ou maior distanciamento em relação aos fatos narrados, a narrativa, conduzida pelo fio da memória da protagonista, como se fosse um diário íntimo, abarca alguns fragmentos da estada da protagonista e do marido em Los Angeles para escreverem suas teses de doutorado, a sobrevivência com o dinheiro curto, a busca por estabelecer algumas relações, mesmo que frágeis, com os estrangeiros que povoam a cidade na condição de imigrantes, no seu angustiado processo de

desbravamento da cidade: “As ruas desertas me intimidam, como se ao andar estivéssemos fazendo algo proibido. As distâncias parecem maiores do que são”. (Vidal, 2009, p. 36). A narrativa é pontilhada por questionamentos existenciais, nos quais se sobressaem como características do Bildungsroman a busca de uma filosofia de trabalho, o enfretoamento com o mundo exterior e os envolvimento amorosos. No final do romance, o nascimento do filho e o fracasso do casamento, parecem abrir-lhe novas possibilidades de autoconhecimento. Para Magri (2010, s.p.), a “qualidade do romance é que não há nenhum gesto previsível na trajetória da protagonista que vive os papéis de estudante, professora de espanhol, mãe e mulher às voltas com um casamento que não deu certo”. Paradoxalmente, a maternidade que acontece no corpo da protagonista, mas cujos “efeitos se expandem” é o que provoca a crise irremediável no casamento da protagonista e a leva à reclusão e ao sofrimento, mas também é o que completa seu processo de formação: “Quando ele por fim volta ao seu berço, a primavera está prestes a chegar. A sensação que tenho ao me lembrar dos meses que passaram é de ter vivido fora do mundo. Como retornar? Ao perguntar isso a M me dou conta que é um caminho que percorrerei sozinha” (VIDAL, 2009, p. 153).

Nesse sentido, Bauman (2001) enfatiza que, na sociedade contemporânea, denominada por ele de líquido-moderna ou fluída, a crescente individualização traz uma liberdade e uma gama de possibilidades, sem precedentes, ao sujeito, mas também traz, em seu bojo, a tarefa de enfrentar as conseqüências que seriam, entre tantas, o vazio existencial, a falta de solidez nas relações humanas e afetivas, a busca incessante de identidade e a solidão irremediável. Segundo o autor, “mas o que aprendemos antes de mais nada na companhia dos outros é que o único auxílio que ela pode prestar é como sobreviver em nossa solidão irremediável, e que a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados solitariamente” (p. 45).

Assim, um aspecto crucial no romance de formação contemporâneo seria a educação das protagonistas, o que as insere no mundo do trabalho e as tornam sujeitos capazes de fazerem escolhas. Das três protagonistas analisadas, temos uma jornalista no romance de Cíntia Moscovich, uma professora na obra de Paloma Vidal e uma jovem que também passa por um processo formal de educação no romance de Adriana Lisboa. São mulheres capazes de fazer suas próprias escolhas, o que, inevitavelmente, leva a riscos incalculáveis. Para Bauman,

Viver num mundo cheio de oportunidades – cada uma mais apetitosa e atraente que a anterior, cada uma “compensando” a anterior, e preparando terreno para a seguinte – é uma experiência divertida. Neste mundo, poucas coisas são predeterminadas e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final. Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar a realidade para sempre. (2001, p. 74)

Isto significa que o ideal dos relacionamentos afetivos caracterizados como eternos é cada vez mais raro na contemporaneidade marcada pela impossibilidade de tornar menos fluido o tempo.

Portanto, os três romances citados se apresentam como poéticas do deslocamento uma vez que refletem identidades femininas contemporâneas dilaceradas em meio ao cenário pós-moderno, nas quais as problemáticas das relações de gênero – tão marcante nas narrativas de autoria feminina dos anos 80 – começam a ceder espaço para questões mais existenciais e urgentes. Algumas delas são recorrentes nos três romances como, entre outras, as questões da inserção no mundo do trabalho, o questionamento e a revisão da história recente do país e do mundo, a angústia existencial do estar no mundo, a relação dialética entre o pertencimento e o mundo globalizado, e a busca do significado mais profundo das relações afetivas e as crises nos relacionamentos interpessoais.

Referências

BAUMAN, Zygmunt (2001). **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.

HALL, Stuart (2011). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora.

LISBOA, Adriana (2010). **Azul-corvo**. Rio de Janeiro: Rocco.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo (2000). **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP.

MAGRI, Ieda (2010). Livro de Paloma Vidal dialoga com o cinema de Walter Benjamin. **Jornal do Brasil**, 10 abr. 2010. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2010/04/10/livro-de-paloma-vidal-dialoga-com-o-cinema-de-walter-benjamin/>. Acesso em: 6 de maio de 2012.

MOSCOVICH, Cíntia (2004). **Duas iguais**. Rio de Janeiro: Record.

PINTO, Cristina Ferreira (1990). **O Bildungsroman feminino**. Quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva.

VIDAL, Paloma (2009). **Algum lugar**. Rio de Janeiro: 7Letras.

ZOLIN, Lucia Osana (2009). Literatura de autoria feminina. In ZOLIN, Lúcia Osana & BONNICI, Thomas (Orgs.). **Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem.